

QUANDO TAMANHO É DOCUMENTO

Entre os novos métodos para aumentar o órgão sexual masculino, há de técnicas que atendem casos complexos, como amputações ou micropênis, a injeções de ácido hialurônico

TEXTO LEONARDO ÁVILA
ILUSTRAÇÕES VICTOR AMIRABLE

D. L., 31, convive com um problema complicado para os homens: o micropênis, condição que acontece quando o membro é atipicamente pequeno. Ereções e ejaculações ocorrem normalmente, mas, com seu tamanho ereto de 2,5 centímetros, o sexo convencional fica difícil. “Eu me masturbo esfregando meu pênis com vaselina ou no travesseiro e no colchão”, contou ele em um fórum do site Reddit. O médico Eduardo Miranda, supervisor da disciplina de medicina sexual na Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), explica que é preciso que o órgão tenha ao menos 4 centímetros “para uma atividade minimamente penetrativa”.

Em entrevista à GQ Brasil, D. conta que passou por dois relacionamentos amorosos. O primeiro, aos 21 anos, terminou pela falta de sexo. Ele ainda é virgem, mas fez as pazes com o assunto. “Quando era mais jovem, sentia que ter um micropênis fazia parte da minha personalidade”, diz. “Hoje, vejo apenas como uma parte do meu corpo, ainda que carregue consequências.”

Quando projeta uma primeira vez na cama, ele adianta: “Imagino que vá ser ruim e desconfortável”.

O micropênis pode ter origem durante a formação do feto, a partir de uma deficiência hormonal ou anomalia genética. Se diagnosticada ainda na puberdade, a questão consegue ser atenuada por um tratamento hormonal. Porém, os resultados se mostram incertos. “O pênis irá crescer, mas não se sabe se o paciente está realmente ganhando tamanho ou trata-se apenas de uma antecipação do desenvolvimento natural”, afirma Miranda.

Por atingir o psicológico e a autoestima, a intervenção cirúrgica também costuma ser indicada por urologistas. Entretanto, a operação, que envolve uma retirada de gordura do púbis, um corte no ligamento superior que conecta o pênis à bacia ou mesmo enxertos de tecidos de outras partes do corpo, acarreta em riscos de cicatrização ou infecção.

Mas, calma, o micropênis é uma condição extrema, e rara. Se você deu uma conferida debaixo da cueca ao ler essa história, é estatisticamente provável que não haja nada com que se preocupar. No mundo, segundo análises citadas pela SBU, apenas entre 0,015% e 0,5% da população se encaixa nesse quadro, que consiste, de acordo com especialistas, em exibir um pênis de até 4 centímetros flácido.

REVOLUÇÃO CIRÚRGICA

A vontade de ostentar um pênis maior é comum para um universo de situações. Há mais de um ano, o médico Ubirajara Barroso, chefe do Departa-

mento de Cirurgia Afirmativa de Gênero da SBU, junto de um grupo da Universidade Federal da Bahia, tem acompanhado pacientes de perfis variados. Um rapaz de seus 20 anos, vítima de um ataque de um cachorro, um jovem com micropênis e um sexagenário que precisou amputar a genitália por causa de um câncer peniano, além de homens trans. Ao todo, são nove indivíduos com algo em comum: a necessidade de aumentar, reconstruir (ou construir) o pênis.

Barroso trabalha em uma nova técnica cirúrgica, descrita em um trabalho acadêmico que publicou em 2022 e chamada mobilização total cavernosa (TCM, na sigla em inglês). A operação atua nos dois corpos cavernosos dentro do pênis — estruturas sob a pele que, preenchidas com sangue, são responsáveis pela ereção. “Esses corpos têm três segmentos: uma parte que está dentro do pênis, outra que fica livre dentro do períneo e uma terceira, fixada ao osso da bacia”, lista.

Ocorre que, quando o membro endurece, os corpos cavernosos sob o períneo também se movem e sobem junto com o genital, mas aquela terceira fração, ligada diretamente ao osso, se mantém imóvel. “Qualquer procedimento que vise reconstruir o pênis e tentar devolver o tamanho habitual, tem uma limitação: a mobilização dessa parte”, explica Barroso.

“Desenvolvemos uma técnica em que é possível separar o corpo cavernoso do osso para que ele fique livre e consiga emergir”, conclui. A estrutura acaba reconectada em uma posição superior do osso. Como resultado, há um aproveitamento da extensão máxima dos corpos, o que leva ao ganho de comprimento do membro, para um aumento mínimo de 3,1 centímetros, flácido.

No caso da reconstrução do pênis (somada a enxertos) ou da construção do membro em cirurgias de redesignação sexual apoiadas pelo método (na qual se aplica um princípio similar ao clitoris, previamente alargado por terapia hormonal), pode-se acabar com um genital de até 8 cm. A sensibilidade

da área a estímulos se mantém e, no caso do homem biológico, é possível ejacular normalmente.

O TCM consiste em um procedimento difícil em termos técnicos e é resposta para casos extremos e complexos. De forma alguma, atende quem busca aqueles centímetros a mais para se sentir confortável de sunga.

INJEÇÃO ESTÉTICA

Para esse tipo de situação, homens ganharam nos últimos anos uma alternativa. A injeção de ácido hialurônico no pênis, um procedimento estritamente estético apelidado de “harmonização peniana”, vem substituindo preenchedores como o polimetilmetacrilato (PMMA), o silicone e a vaselina — problemáticos por não poderem ser absorvidos pelo corpo. Aprovada pela Anvisa, a técnica faz o pênis ficar mais grosso principalmente quando flácido. O membro ereto muda pouco e, no geral, não há ganho de comprimento.

Trata-se de uma aposta potencial para quem exibe um genital do perfil “grower”, que se mostra pequeno flácido, mas cresce muito com a ereção (diferentemente do chamado “shower”, quando a diferença de tamanho entre os dois estados não muda muito).

Para manter o resultado, é necessário voltar ao consultório para sessões regulares. “A gente precisa conversar bem com o paciente, explicar como funciona o procedimento e quais as expectativas, uma vez que o preenchedor é um material temporário. Ele dura mais ou menos um ano, um ano e meio”, explica Cristiano Kakihiara, médico e membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). O valor do tratamento varia conforme o objetivo do paciente e a quantidade de material usado, indo dos R\$ 5 mil aos R\$ 30 mil.

Após as injeções de ácido hialurônico, a pessoa sai da clínica com o compromisso de ficar cerca de uma semana sem sexo e cuidar de um curativo, cujo papel é evitar que o ácido migre de lugar e o aspecto acabe deformado. “O paciente tira o curativo só na hora de

“Quando era mais jovem, sentia que ter um micropênis fazia parte da minha personalidade. Hoje, vejo apenas como parte do meu corpo.”

D. L., JOVEM COM PÊNIS DE 2,5 CENTÍMETROS

tomar banho e urinar”, diz Kakihiara. Possíveis complicações da técnica incluem nódulos, vermelhidão e infecção, caso o produto seja mal aplicado ou haja resposta alérgica.

E A BOMBA?

Em meio às novidades, uma pergunta pode ter ficado no ar: e quanto à velha e boa bomba peniana? Afinal, ela funciona? “Tem pouco efeito no tamanho, é muito mais usada para causar tumescência”, diz Barroso. No vácuo criado pelo aparelho, os espaços interiores do pênis expandem e ele sai mais robusto, ainda que não mais longo.

O que aumenta seu tamanho é outro dispositivo, o extensor peniano, que, preso à base e ao início da glândula do genital, puxa-o ligeiramente com a ajuda de molas. “É muito trabalho para pouco ganho”, alerta Miranda. “Os melhores protocolos com o aparelho envolvem acima de seis horas por dia ao longo de pelo menos seis meses, para ganhar 1 centímetro. E o pior: não se garante que isso vai se manter.”

Entretanto, os doutores alertam: nem cirurgia, nem ácido, nem bomba ou extensor. Uma conversa franca pode ser a resposta para a aflição de muitos homens. “Explico para eles o tamanho médio da população, que se enquadram no segmento x ou y”, conta Barroso. “Posso dizer que 90% deles desistem dos procedimentos, agradecem e saem dando risada.” De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, a média do órgão aos 18 anos é de 14,5 centímetros.

Os especialistas procurados pela GQ Brasil concordam que há uma expectativa equivocada sobre o que é um genital “suficiente”. “Existe esse viés da pornografia. Os pênis que a maior parte dos homens vêem são aqueles grandes”, comenta Miranda. “Trata-se de um erro de referência.”

Esse tipo de distorção pode também estar por trás de uma síndrome chamada de dismorfismo peniano, ou síndrome do pênis pequeno. “É aquela pessoa que pensa no assunto todo dia e que, às vezes, deixa de fazer coisas porque está obcecado. Sofre crises de ansiedade ao pensar em quanto ele é pequeno”, conta Barroso. “Mas, aí, quando ele faz o exame, tem um membro dentro da normalidade.” Trata-se de um problema não do corpo em si, mas da esfera psiquiátrica. **99**